



**“A feira é nosso quilombo urbano”: a feira da roça e economia do axé**  
*"The fair is our urban quilombo": the swidden fair and economy of axé*

COSTA, Maria da Graça Silveira Gomes da<sup>1</sup>; BAPTISTA, Silva Regina Nunes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mariaggomes@gmail.com; <sup>2</sup> IIIPPUR / Universidade Federal do Rio de Janeiro, s21baptista@gmail.com

**RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO.**

**Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo discutir sobre como as cosmopercepções iorubás de mundo, presentes nas comunidades de matriz africana, se fazem presentes na feira da roça como forma de aquilombamento, resistência e defesa dos modos de vida dos territórios ancestrais. Foi realizada observação participante na Feira da Roça de Vargem Grande, bairro da cidade do Rio de Janeiro, durante os anos de 2015 e 2019 e entrevista aberta com uma de suas fundadoras. Identificou-se que a feira tem um papel central na luta pela agricultura urbana, defesa do território e na visibilidade das comunidades quilombolas que tradicionalmente habitam a região. Assim, não é só um lugar de comercialização, mas também um símbolo de resistência, um ponto de encontro, de circulação, palco de importantes debates políticos e de trocas não só financeiras, que contribui para a preservação das culturas ancestrais, passando pela espiritualidade, pelas práticas de aquilombamento, de resistência e também de prosperidade coletiva.

**Palavras-chave:** aquilombamento; agricultura urbana; mercado; sociabilidade; ancestralidade.

**Introdução**

Em Vargem Grande, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro caracterizado pela presença de comunidades tradicionais, pela floresta, pela produção agrícola e pelo avanço do capital na disputa por territórios, agricultoras e agricultores vêm comercializando a sua produção na Feira da Roça, Agroecologia e Cultura (FRAC) ou Feira da Roça de Vargem Grande, feira agroecológica auto organizada na região que acontece todos os domingos na praça do bairro.

O bairro de Vargem Grande é circundado pelo Maciço da Pedra Branca, povoado historicamente por famílias quilombolas que praticam agricultura familiar. Na época do regime da escravista, o Maciço da Pedra Branca se tornou local de resistência e deixou como legado a existência de três quilombos: Cafundá Astrogilda, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilinha.

Desde a criação do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) pelo governo militar no ano de 1974, as comunidades tradicionais e pequenos agricultores que habitam o território lutam pela sua permanência e pela manutenção dos seus modos de vida,



pois, por tratar-se de uma unidade de conservação, a área não permitiria a moradia e a atividade agrícola em seu território. Além disso, a região é palco de intensos conflitos socioambientais como especulação imobiliária, sequestro de suas águas e militarização, questões que ameaçam e precarizam a existência dessas comunidades.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir sobre como as cosmopercepções iorubás de mundo, presentes nas comunidades de matriz africana, se fazem presentes na feira da roça como forma de aquilombamento, resistência e defesa dos modos de vida dos territórios ancestrais.

### **Metodologia**

Este trabalho parte da pesquisa da tese de doutoramento da primeira autora (COSTA, 2019). Foi realizada observação participante da FRAC durante os anos de 2015 e 2019 e entrevista aberta com Silvia Baptista, intelectual quilombola nascida e criada em Vargem Grande, agricultora, co-autora do presente texto e uma das organizadoras e fundadoras da feira da roça. Este texto é, portanto, fruto de reflexões coletivas e busca romper com a perspectiva compartimentada que, como nos mostra Frantz Fanon (2008), caracteriza o mundo colonial e, em seus binarismos, separa teoria e prática e o que é ou não validado como conhecimento.

### **Discussão**

Em um domingo a tarde, conversando entre amigos sobre a importância da feira da roça durante a festa junina celebrada na praça, Silvia comentou conosco “a feira é nosso quilombo urbano”. Essa frase ecoou fortemente entre nós, apontando para a feira como eixo em torno do qual se irradiam uma série de lutas e ações de fortalecimento da agroecologia no território. A FRAC funciona no Largo de Vargem Grande, na praça central do bairro. A primeira Feira da Roça surge em 2014 quando a Comunidade Cafundá Astrogilda celebra o Dia da Consciência Negra com festa e feira agroecológica no alto do PEPB, em comemoração à certificação e ao reconhecimento do Quilombo pela Fundação Palmares.

Um ano depois, no aniversário de um ano do recebimento da Certificação de Quilombo, houve a segunda da FRAC, novamente no alto da Serra. E em março de 2016, a partir do desejo e reivindicação da comunidade – agricultores e consumidores locais – a FRAC se instala no Largo de Vargem Grande.



A feira conta com cerca de 10 barracas que vendem produtos agroecológicos e/ou em transição agroecológica, ou seja, que não são feitos com 100% de ingredientes agroecológicos. A maioria das feirantes são mulheres. Elas também estão na frente da mobilização da feira. Vemos vários tipos de produtos: artesanatos, cosméticos naturais, bolos, cafés, tapiocas, frutas e verduras. Muitos dos feirantes da feira são parentes das famílias advindas do quilombo Cafundá Astrogilda.

A afirmação de Silvia vai além da presença quilombola na feira. Segundo Nathalia Grilo Cipriano (2020), os mercados populares e feiras são tecnologias ancestrais africanas que tinham as mulheres como protagonistas a partir de uma concepção iorubá sobre prosperidade e que, veio como forma de aquilombamento na diáspora africana em terras pindorâmicas.

De acordo com Cipriano, as feiras e mercados têm uma importância vital na sociedade iorubá. É lá onde anúncios, casamentos, nascimentos e festejos acontecem. As feiras e mercados são organizadas por entidades grande relevância, dentro da cosmopercepção local. As feiras são também lugares de associativismo, o que traz um sentido da importância da construção coletiva para a preposteridade de um povo, distante da concepção branca de empreendimento individual e sucesso. São mercados que não visam necessariamente somente o lucro, ainda que as trocas financeiras façam parte, a negociação é parte intrínseca, como uma troca de energia. Nessas feiras e mercados tradicionais iorubás passam-se horas do dia, são trocas, portanto, que envolvem conversas, negociações, cria-se relações, afetos, encontros entre diferentes povos e línguas. Elas são espaços criados para saciar as necessidades humanas e também dos orixás.

Os mercados iorubás são regidos por quem chamamos em muitas culturas de Exu, mensageiro e senhor dos caminhos. Ele é a divindade responsável pela circulação do axé<sup>1</sup>, que além de compensar um trabalho pelo outro, pode também fazer com que esse movimento de compensação crie laços de sociabilidade. Como nos conta Wanderson Flor (2016) é aí que o mercado iorubá se distingue do mercado capitalista:

enquanto este é um lugar de acumulação que, muitas vezes, passa pela expropriação e exploração. Os primeiros são responsáveis por criar laços de responsabilidade pelo trabalho das outras pessoas que produziram, produzem e produzirão, aquilo do que eu preciso, mas não sou capaz de produzir em um determinado momento (FLOR, 2016, p. 31).

<sup>1</sup> Axé é o nome dado nos candomblés de língua iorubá para a força vital, que estrutura ontologicamente o mundo. Mesmo com a origem situada do termo, ele se popularizou nos vocabulários das religiões de matrizes africanas para designar esta mesma força vital, independente da língua falada pelo segmento da religião (Flor, 2016).



No Brasil, essas concepções atravessam o atlântico junto com a diáspora africana e apresentam as feiras e mercados tradicionais como locais de fortalecimento, inclusive financeiro, de povos que foram submetidos à escravidão, tendo as mulheres negras à frente. Historicamente as mulheres negras sempre estiveram no espaço público da rua na condição de trabalhadoras, ocupando uma série de postos de trabalho majoritariamente precarizados, em funções que não eram realizadas por mulheres brancas.

No livro *Um defeito de cor*, Ana Maria Gonçalves (2016) narra a trajetória de Kehinde, que veio a se tornar Luisa Mahin, que foi trazida escravizada do Reino de Daomé e anos depois participa como liderança do Levante dos Malês acontecido na Bahia em 1835. No livro, a autora acompanha a vivência de Kehinde como “escrava de ganho”<sup>2</sup> e quituteira nos fornecendo um retrato riquíssimo sobre a importância desse ofício que dá origem aos mercados populares e de rua no Brasil.

O ofício das quituteiras, das baianas de acarajé e culinárias em geral, permitiu que sociedades negras como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e Irmandade da Boa Morte - esta última marcadamente matriarcal - surgissem e que mulheres negras conseguissem prosperar financeiramente, se fortalecerem coletivamente e apoiarem secretamente, levantes abolicionistas.

Ser feirante em uma feira negra não diz respeito, portanto, somente às vendas e trocas financeiras, mas ao desempenho de um ofício, de uma missão, de preservação das culturas ancestrais, que passa pela espiritualidade, pelas práticas de aquilombamento, de resistência e também de prosperidade coletiva. Ao falar sobre a importância da FRAC, Silvia Baptista traz o sentido da feira como para além das relações comerciais:

Nossa feira é nossa melhor produção, né? Nossa grande inovação de processo, né? Porque a nossa feira não é só um lugar de comércio e o próprio comércio que é feito ali é um comércio com subjetividade, né? [...] O que a gente quer é fazer a feira do agricultor para a favela (BAPTISTA, entrevista concedida em 2018).

Silvia ressalta assim o aspecto político proporcionado pela feira. Marcar uma presença semanal em praça pública, com debates políticos e pautas progressistas, em um território dominado por poderes paramilitares conversadores é uma forma de resistência. A presença da “roça” no nome da feira marca também a existência da

---

<sup>2</sup> Pessoas escravizadas obrigadas pelos seus senhores a realizar algum tipo de trabalho nas ruas, levando para casa ao fim do dia uma soma de dinheiro previamente estipulada. Eram como que ao superarem o valor estipulado por seus senhores, eles mantivessem os lucros. Com isso, muitos conseguiram “comprar” sua alforria.



ruralidade constantemente negada ao território, dentro de um projeto de cidade que visa a expansão constante da urbanização.

No trabalho *A comida em comunidades quilombolas: reflexões sobre saberes e mercados solidários* (2016), Rafaela Paula Silva e Silvia Baptista investigam a centralidade da comida quilombola na Feira Orgânica de Jacarepaguá e na FRAC. Ainda que essas feiras não sejam compostas inteiramente por produtores quilombolas, são espaços onde podem se perceber elementos de pertencimento quilombola importantes. Uma das marcas dessas feiras são os laços de solidariedade e daquilo que elas chamam de economia da reciprocidade:

O agricultor-feirante oferece a dádiva do produto local, qualificado, sem agrotóxicos, com certificação orgânica, tendente a ser qualificado como carbono zero por ser produzido muito próximo ao mercado consumidor. A rede de parentela se alterna do papel de produtores agrícolas e de consumidores. A vizinhança e outros membros da comunidade não exercem apenas o papel de consumidores. Há um contexto de escolha do alimento orgânico, e uma valorização da agricultura urbana. Há, portanto um imperativo ético no estabelecimento destes mercados locais (SILVA; BAPTISTA, 2016, p. 75).

As autoras identificam nas práticas realizadas nas feiras, em especial na FRAC, como o cuidado e a reciprocidade, permeiam as relações que se constroem. Elas utilizam como exemplo a fala da liderança quilombola, agricultor e feirante Jorge Cardia que afirma que “muito melhor que vender é ver a comunidade reunida”. Assim, “a moeda não é o valor fundamental para o agricultor tradicional. A troca de gentilezas, a presença, o compartilhar é o valor preponderante no estabelecimento das festividades e feiras” (SILVA; BAPTISTA, 2016, p. 75). Para Antônio Bispo dos Santos (2015), a dádiva e a reciprocidade são elementos fundantes do modo de pensar orgânico desenvolvido pelos quilombos. Como nos diz Wanderson Flor (2016), sobre as cosmopercepções iorubás em nosso sistema de pensamento “tudo no candomblé, como no mundo, é uma troca, circulação” (p. 29). É isso, portanto, que chamamos aqui por economia do axé.

Há também um importante componente de comunicação popular que se constrói na feira, compreendendo que a partir da alimentação mais pessoas podem se aproximar da pauta da agroecologia, fortalecer a feira como um todo e, com isso, fortalecer a agroecologia produzida no território e seus feirantes.

A FRAC fortalece o circuito local de produção e consumo que é hoje fundamental para a garantia da soberania alimentar. Na crise de desabastecimento ocorrida em 2018 com a greve dos caminhoneiros em todo o Brasil, a feira garantiu a alimentação do bairro inteiro, uma vez que os supermercados estavam esvaziados.



Durante a pandemia causada pela covid-19 foram também os feirantes organizados os responsáveis pelo abastecimento de alimentos para a população local e ainda contribuíram, sobremaneira, com doações de grandes quantidades de alimentos para populações mais vulnerabilizadas de comunidades próximas.

A FRAC não se dá, entretanto, sem conflitos e contradições. Para além de conflitos operacionais e de organização, que surgem como desafios para qualquer feira, existem aqueles que se referem às posições políticas, com destaque para as contradições que dizem respeito ao público atingido pela feira e até o perfil dos feirantes que, com o fortalecimento da feira na região, passa a ser cada vez mais de classe média branca. Ainda que haja uma importante produção de agricultura familiar em Vargem Grande, a miséria da fome e da insegurança alimentar se faz presente em comunidades do entorno do bairro e em bairros vizinhos. O desejo de que a feira chegue até a favela é compartilhado por vários feirantes, no entanto na prática ainda há um longo caminho a ser percorrido que esse objetivo seja alcançado plenamente, como um norte a ser alcançado.

### **Considerações finais**

A feira tem um papel central para todas as pessoas envolvidas direta e indiretamente com a agroecologia e agricultura urbana, para a luta pela defesa do território e pelas comunidades quilombolas que tradicionalmente habitam o Maciço. A feira não é só um lugar de comercialização, mas também um símbolo de resistência, um ponto de encontro, de circulação, palco de importantes debates políticos e de visibilização da agricultura na cidade.

A concepção de reciprocidade e circularidade presente na cosmológica iorubá permite que se desenvolvam uma série de tecnologias que confluem em projetos de constituição de mundos como a economia do axé. Assim, a feira da roça se apresenta como parte de uma tecnologia ancestral que, através da práxis ética e política quilombola, contribui para a re-existência de modos de vida que desmantelam o projeto totalitário da colonialidade e anunciam uma utopia ativa, que vai tomando se materializando e irradiando a partir desse quilombo urbano.

### **Referências**

CIPRIANO, Nathalia Grilo. Mercados nagô no baixo Daomê: Mulher Negra e Empreendedorismo [Vídeo]. **Youtube**, 04 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y mx dj Jt6 h K0>



COSTA, Maria da Graça Silveira Gomes da (2019). **Mulheres e agroecologia no Rio de Janeiro: construindo uma política feminista a partir das margens**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFABA, 2008.

FLOR, Wanderson (2016). Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado. **Das Questões**, v. 4, n.1, 28 – 29.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**, Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**, Brasília: INCT/UnB, 2015.

SILVA, Rafaela Paula; BAPTISTA, Silvia Regina (2016). A comida em comunidades quilombolas: reflexões sobre saberes e mercados solidários. **Ágora**, v. 18, n. 1, 68-77.